

MILITARES NORTE-COREANOS NA RÚSSIA: ELES ESTIVERAM MESMO LÁ?

Por Ted Snider*



Imagem gerada por inteligência artificial.

As tropas norte-coreanas que agora supostamente deixaram a Ucrânia, e que justificaram a autorização dos EUA para uso do ATACMS pelos ucranianos para atacar território russo, são um coelho que pode ser tirado da cartola novamente, se necessário.

Ainda não sabemos com certeza se há tropas norte-coreanas lutando na Rússia contra forças ucranianas. Talvez nunca saibamos. Mas a hipótese da Ucrânia para sua presença não foi fortalecida pelo anúncio repentino em 30 de janeiro de que elas haviam partido.

Relatos de tropas norte-coreanas se juntando à Rússia na luta para expulsar forças ucranianas da região de Kursk, na Rússia, surgiram em outubro. O Departamento de Estado dos EUA chamou sua presença de “*uma grande escalada da Rússia*”. O secretário-geral da OTAN, Mark Rutte, chamou de “*escalada significativa*”.

Foi significativo o suficiente para que supostamente inclinasse a balança a favor da administração Biden, concedendo permissão à Ucrânia para disparar mísseis ATACMS de longo alcance fornecidos pelos Estados Unidos mais profundamente em território russo.

Uma mudança tão extraordinária na política dos EUA deve justificar a exigência de prova extraordinária. Mas, além das declarações de autoridades americanas,

ucranianas e sul-coreanas, ainda não há prova verificável de que as tropas norte-coreanas realmente estiveram lutando na Rússia.

O caso requer o estabelecimento de um motivo. Os EUA dizem que o recrutamento de tropas norte-coreanas mostra a falta de mão de obra e o desespero da Rússia. *“Isso é uma indicação de que [Putin] pode estar [em] mais problemas do que a maioria das pessoas imagina”*, disse o então secretário de Defesa Lloyd J. Austin em outubro.

Relatos sugeriram que os norte-coreanos suplementaram tropas em Kursk para que Putin não tivesse que recorrer às linhas de frente no Donbas. Mas outros dizem que a Rússia conseguiu trazer tropas russas de áreas menos intensas da luta. *“De acordo com soldados ucranianos de diferentes partes da frente, as tropas russas que reforçavam Kursk foram retiradas principalmente de Kherson e Zaporizhzhia”*, disse Yurri Clavilier, analista do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, à *BBC* em novembro.

A estória dizia que 50.000 tropas russas estavam reunidas na região de Kursk, mas não mencionou coreanos entre elas.

Mas a inteligência dos EUA diz que foi a Coreia do Norte que ofereceu suas tropas para lutar em Kursk, talvez, como alguns sugeriram, para adquirir experiência no campo de batalha. Eles também dizem que Putin *“rapidamente abraçou a ideia”*.

O Pentágono e a OTAN alegaram ter conhecimento de que as tropas norte-coreanas eram soldados altamente treinados, retirados de uma unidade de elite chamada Storm Corps, e alegaram conhecer seus movimentos no campo de batalha. Eles também disseram que os norte-coreanos estavam disfarçados de russos — mas não forneceram provas físicas de que eles estiveram lá.

O número relatado de tropas norte-coreanas na região de Kursk antes de eles supostamente terem partido no final do mês passado tem sido constantemente inflado, finalmente aumentando para 12.000. Mas, além das fotos de soldados capturados que o governo ucraniano alegou serem provas, as testemunhas parecem escassas. Em 25 de novembro, o *Wall Street Journal* relatou que *“autoridades ucranianas dizem que 10.000 tropas norte-coreanas foram enviadas para a região de Kursk”*, e então acrescentaram que *“nenhum soldado que falou com o Journal os encontrou em batalha”*.

Uma semana depois, a *BBC* ainda estava relatando que *“apesar de semanas de relatórios sugerindo que cerca de 10.000 soldados norte-coreanos foram enviados a Kursk para se juntar à contraofensiva russa, os soldados com os quais estivemos em contato ainda não os encontraram”*.

Em 11 de janeiro, o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky anunciou que a Ucrânia havia capturado dois soldados norte-coreanos em Kursk em 9 de janeiro e os levado para Kiev, onde estavam sendo interrogados. Nenhum soldado norte-coreano havia sido capturado antes, explicou Zelensky, porque *“as forças russas e outros militares norte-coreanos geralmente executam seus feridos para apagar qualquer evidência do envolvimento da Coreia do Norte na guerra”*.

Zelensky postou uma foto de cada um dos norte-coreanos capturados, com um alegando, por meio de intérpretes, que era membro do exército da RPDC desde 2021, e o outro testemunhando por escrito (já que sua mandíbula foi ferida) que estava em uma unidade de reconhecimento de atiradores desde 2016. Um breve vídeo do interrogatório foi divulgado pelo Serviço de Imprensa Presidencial da Ucrânia, mas os rostos estão borrados, o local está apagado e a autenticidade do vídeo não foi verificada.

Anatol Lieven, diretor do Programa Eurásia no *Quincy Institute for Responsible Statecraft*, sugere que a mídia ocidental solicite que Kiev “*apresente esses supostos prisioneiros norte-coreanos para os jornalistas entrevistarem. Se o fizerem, a questão estará provada. Se não, será uma forte indicação de que esses prisioneiros não existem de fato*”.

Então, poucos dias depois do anúncio da captura, autoridades ucranianas e americanas anunciaram que as forças norte-coreanas haviam partido.

Foi relatado na mídia ocidental e ucraniana como um constrangimento para a Coreia do Norte e a Rússia. Os norte-coreanos, em essência, tiveram que ser retirados das linhas de frente porque sofreram muitas baixas. O comandante-em-chefe da Ucrânia, general Oleksandr Syrsky, disse que o número de soldados norte-coreanos foi reduzido pela metade. Kim Jong Un, informou a *BBC*, incorreu em “*um custo extraordinariamente alto*” por ajudar o presidente russo Vladimir Putin a expulsar as forças ucranianas de Kursk, e os russos supostamente desperdiçaram os soldados de elite com falta de coordenação e “*enviando-os em ondas por campos cravejados de minas terrestres para serem derrubados por fogo ucraniano pesado*”.

Há inconsistências na história de sua saída relatada também.

Em 30 de janeiro, o *New York Times* relatou que, de acordo com autoridades ucranianas e americanas, as tropas norte-coreanas “*não foram vistas na frente por cerca de duas semanas*”. No dia seguinte, a *CNN* informou que, de acordo com o coronel Oleksandr Kindratenko, porta-voz das Forças de Operações Especiais do Exército ucraniano, eles “*não foram observados por cerca de três semanas*”.

Mas em 22 de janeiro, a *BBC* citou o general Syrsky dizendo naquela semana que “*os soldados norte-coreanos estavam representando um problema significativo para os combatentes ucranianos na linha de frente*”. Syrsky disse que “*Onze a doze mil soldados altamente motivados e bem preparados [estavam] conduzindo ações ofensivas*”. Aquela semana começou em 19 de janeiro. Mas as tropas norte-coreanas não foram vistas desde duas a três semanas antes de 30 de janeiro: isso seria de 9 a 16 de janeiro. A Ucrânia diz que as tropas norte-coreanas não foram vistas desde 3 a 10 dias antes disso.

E num corte bem próximo, Zelensky afirmou que os dois soldados norte-coreanos foram capturados em 9 de janeiro. Mas em 31 de janeiro, a *CNN* já conseguiu publicar que as Forças de Operações Especiais do Exército ucraniano disseram que nenhum soldado norte-coreano foi visto “*por cerca de três semanas*”.

Autoridades americanas mantiveram essa ambiguidade aberta com a alegação sem evidências de que *“a decisão de retirar as tropas norte-coreanas da linha de frente pode não ser permanente. É possível que os norte-coreanos retornem após receber treinamento adicional ou depois que os russos inventarem novas maneiras de posicioná-los para evitar baixas tão pesadas”*.

Então, esse coelho — se é que é um coelho — pode ser tirado da cartola novamente, se necessário. Se as tropas norte-coreanas realmente estiveram em Kursk, e elas realmente foram desperdiçadas e dizimadas, então sua presença não justificava o risco crescente de conceder permissão à Ucrânia para disparar mísseis de longo alcance fornecidos pelos EUA mais profundamente em território russo. Se realmente não estavam, então todo o caso foi um engodo para justificar essa decisão.

Publicado no [Responsible Statecraft](#).

****Ted Snider** escreve regularmente sobre política externa e história dos EUA no [Antiwar.com](#) e no [The Libertarian Institute](#), e é também colaborador frequente do [Responsible Statecraft](#) e outros veículos.*
